

A biblioteca do mestre:

dos livros de Arduíno Bolivar, marcas de circulação de uma coleção especial

DINÁ MARQUES PEREIRA ARAÚJO (UFMG)¹

Apresentação

Uma biblioteca pode ser apreendida, também, a partir das inscrições impostas em seus livros. Inscrições que revelam a construção intelectual do lugar do livro na estante, marginalias que sinalizam para o gesto da escrita, a intensidade do traço, o peso da mão sobre o livro, a pressa ou a calma para escrever e as relações entre o leitor e o texto. As marcas de circulação permitem a identificação das memórias de uso dos livros de uma coleção. Elas são os laços que unem o colecionador aos seus livros, o foi condutor para a compreensão dos lugares dos livros em uma biblioteca, sem essas memórias seria difícil desvelar os percursos intimistas de um leitor/coleccionador com seus livros.

¹ Bibliotecária. Universidade Federal de Minas Gerais, Biblioteca Universitária. Email: dina-araujo@bu.ufmg.br

Esse texto apresenta como os livros da coleção particular de Arduíno Bolívar – professor de línguas gregas e latinas que teve atuação intensa na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) nas décadas de 1940 e 1950 – podem contribuir para a compreensão de sua biblioteca. Como recorte para a compreensão da biblioteca de Bolívar destacamos os indícios² presentes em seus livros, interpretados como pistas materiais que sinalizam para a circulação de livros em Belo Horizonte no final do século XIX e primeira década do século XX. Uma possível história da circulação de livros na Nova Capital pode ser mapeada “através de pistas, sintomas, indícios” (Ginzburg, 2011, p. 154) decifráveis por meio da análise dos livros da coleção e o mundo que a cerca.

O primeiro momento da pesquisa privilegiou o levantamento bio-bibliográfico sobre Arduíno Bolívar e a identificação dos documentos arquivísticos sobre a Coleção - esses relataram o tratamento biblioteconômico ao qual o acervo foi submetido e seu percurso institucional.

Em seguida, foi realizada análise material dos 1616 livros que compõem a Coleção que possibilitou a identificação por ciclos de vida da biblioteca, evidenciados por meio de marcas de circulação (livreiros, livrarias, encadernadores) e pelas marcas de posse (dedicatórias, assinaturas, notações, reencadernações). A consulta ao arquivo pessoal do professor Arduíno Bolívar no Centro de Memória da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) também auxiliou no desenvolvimento da pesquisa. A análise da biblioteca do professor Bolívar por meio de “ciclos” fundamentou uma possível história da Coleção.

Arduíno Bolívar

No ano da morte de Arduíno Fontes Bolívar, Mário Casasanta, em homenagem, apresenta biografia do professor, na revista *Kriterion*:

[...] nasceu na cidade de Viçosa, Minas Gerais, a 21 de setembro de 1873 e faleceu em Belo Horizonte a 15 de

² Referência ao capítulo *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* (Ginzburg, 2011).

agosto de 1952. Fez o curso preparatório no Colégio do Caraça, e bacharelou-se em 1902, pela Faculdade de Direito, de São Paulo. Na capital paulista, quando ainda acadêmico, fez parte da redação de renomados jornais, trabalhando principalmente no Comércio de São Paulo, ao lado de Eduardo Prado e de outros nomes da imprensa na época. Posteriormente, em Belo Horizonte, dirigiu o Diário de Minas. Latinista, humanista, mestre do idioma vernáculo, consagrou principalmente a sua existência ao magistério. Foi professor e diretor da Escola Normal Modelo (depois Instituto de Educação). Traduziu as Odes de Horácio e grande parte das Geórgicas de Virgílio. Dirigiu durante alguns anos o Arquivo Público Mineiro. Modesto em excesso, embora tenha figurado entre os homens de letras mais qualificados de seu tempo, conservou inéditos os melhores frutos de seu apurado labor artístico. Pertencia, como sócio fundador, à Academia Mineira Letras. (CASASANTA, 1952, p. 283).

Mário Casasanta segue descrevendo sobre o universo das livrarias em Belo Horizonte:

Percorri com os dois [Arduíno Bolivar e Francisco Escobar] as nossas livrarias, que eram de resto bem poucas, ouvi-lhes considerações acerca de livros, autores, problemas, e uma das noites, depois de um dia cheio, fomos jantar a casa do Arduino [...] Depois, fomos para a biblioteca, que ficava no fundo da casa, e ali vivi horas da Renascença Humanista [...] (CASASANTA, 1952, p. 286).

E ainda sobre a relação de Bolivar com seus livros:

O outro episódio acha-se documentado entre os seus papéis, e em documento que lhe comprova a singular fidelidade à Igreja. Trata-se de uma petição dirigida há pouco tempo à autoridade eclesiástica, na qual, declarando que tinha em sua biblioteca algumas obras condenadas pela Igreja, solicitava licença para as conservar, em razão de seus estudos. Vi o requerimento e li o despacho favorável de nosso caro Monsenhor Bicalho. (CASASANTA, 1952, p.301).

No ano seguinte da publicação de Mario Casasanta, Salomão de Vasconcellos publica o artigo *Elogio de Arduíno Bolivar*, no qual apresenta relatos sobre a vida do professor que revelam sobre a relação que ele estabelecia com sua biblioteca.

Dono de variada cultura, especialmente em línguas e humanidades, com uma biblioteca selecionada de mais de 5 mil volumes, tornou-se daí em diante aquilo que se pode dizer – um escritor de gabinete e um poeta em horas disponíveis.

Fez-se, uma espécie de consultor e de revisor literário para quantos recorriam ao seu prestimoso auxílio. Ao seu gabinete de trabalhos afluíam diariamente rascunhos de todas as procedências, livros e artigos originais, material para publicidade, teses de concursos, relatórios oficiais, mensagens, memoriais, programas didáticos, escritos de toda ordem, enfim, para serem revistos e expurgados de possíveis aleijões literários ou gramaticais. [...] No silêncio da noite, ordinariamente das 12 às 3 da manhã, [sic] quando tudo repousava, dirigia-se Arduino pacatamente para a sua mesa de trabalhos, para a companhia dos livros, onde se entrega, qual um beneditino, às locubrações [sic] do espírito, na prosa e no verso, nas traduções e anotações (VASCONCELLOS, 1953, p. 28-29).

Salomão de Vasconcelos cita que Bolivar

[...] aceitou uma vez a diretoria da Escola Normal, mas porque o meio lhe era propício: ia ficar entre os livros, alunos e classes. Conformou-se depois com a chefia do Arquivo Público [Mineiro]: o ambiente também era do seu agrado – biblioteca ao alcance, fileiras de códices, alfarrábios à vontade para decifrar e interpretar (VASCONCELOS, 1953, p.13).

As diversas correspondências entre Bolivar e Carlos Drummond de Andrade comprovam seus estreitos laços de amizade. Bolivar deu aulas de latim para Drummond. Dentre as homenagens ao amigo, em 1968, na obra *Boitempo & a falta que ama*, o poeta registrou:

MESTRE

Arduíno Bolívar, o teu latim
não foi, não foi perdido para mim.
Muito aprendi contigo: a vida é um verso
sem sentido talvez, mas com que música!
(ANDRADE, 1968, p. 137).

Em 1969 Maria da Conceição Carvalho realizou trabalho de conclusão de curso da Escola de Biblioteconomia da UFMG intitulado *Arduíno Bolívar: bibliografia*, no qual elaborou uma bibliografia exaustiva dos escritos de Arduíno Bolívar. Esse trabalho além de elencar as poesias, prosas e traduções de Bolívar, inclui bibliografias sobre Bolívar e sua obra³. Contudo, a partir da década de 1970 cessam as publicações sobre Bolívar. É somente em 2007, na dissertação *Arduíno Bolívar: a trajetória de um intelectual tradicional na cidade de Belo Horizonte*, que Fabíola Castro retoma os estudos sobre esse personagem da cidade de Belo Horizonte. A autora aponta que Bolívar foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, onde era catedrático de Literatura Latina; e da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Minas Gerais, ministrando aulas, no período de 1944 a 1951, da disciplina Princípios de Sociologia Aplicados à Economia. Para responder suas questões Castro realiza uma série de entrevista para desenvolver a biografia de Bolívar. Dentre elas está o depoimento de Manoel Hygino (Castro, 2007, p. 56-57) que relata o gosto de Bolívar por bibliotecas, livrarias e livros. Bolívar passava a maior parte do seu tempo em casa, ouvindo música, recebendo amigos, e em sua biblioteca – sozinho ou com intelectuais. Na casa de Arduíno Bolívar, a sala e a biblioteca eram palcos de reuniões, encontros, festas e saraus. Um ambiente de efervescência cultural. Castro relata que a

[...] história de vida de Arduíno Bolívar confunde-se com uma parte da história da cidade de Belo Horizonte. As casas de Bolívar, situadas à Rua Paraíba, 1.053, endereço que hoje não existe mais, e posteriormente à Avenida Augusto de Lima, 523, onde hoje está o Edifício Ouro Verde, foram palco de calorosas discussões políticas e locais de encontro de inúmeros artistas e escritores. Entre

³ Mais informações sobre a bibliografia e biografia de Arduíno Bolívar podem pesquisadas no Centro de Memória da PUC Minas.

os freqüentadores desses ambientes, destacava-se a presença de Carlos Drummond de Andrade, aluno de latim de Bolívar dos tempos do Colégio Arnaldo. Posteriormente, freqüentaram tais reuniões os escritores que formavam o grupo conhecido como os cavaleiros do apocalipse: Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Rezende e Hélio Pellegrino. Os artistas que vinham se apresentar em Belo Horizonte, principalmente os músicos, após suas apresentações nos teatros seguiam para a casa de Bolívar, sempre aberta a concertos e saraus. (CASTRO, 2007, p. 8, sic).



Guignard, Portinari, Arduino Bolívar, Santa Rosa e Jose Portinari



Lucia Machado de Almeida, Thereza Christina Bolívar Monteiro Lobato, Godofredo Rangel e Arduino Bolívar

Figura 1: Fotografias de Arduíno Bolívar em Belo Horizonte

Imagem 1: Arduíno Bolívar está de chapéu ao centro.

Imagem 2: Arduíno Bolívar está à direita ao lado de Monteiro Lobato.

Fonte: MAFRA, 2003 – CD-ROM, Centro de Memória da PUC-MG.

A biblioteca

A biblioteca do mestre Bolívar representa parte dos livros que circulavam entre livreiros, livrarias e intelectuais no Brasil, nas décadas finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, em especial, em Belo Horizonte. A chamada Biblioteca, que fazia parte da vida erudita, social e cultural de Arduíno Bolívar, foi

doado por sua família para duas instituições de ensino em Belo Horizonte. E, em datas distintas, desmembrada em:

a) acervo bibliográfico – doado para a UFMG em 1962⁴;

b) arquivo pessoal – doado, pelas filhas de Bolivar, para a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) no ano de 2002 e foi depositado no Centro de Memória da instituição. Recebeu o nome de Fundo Arquivístico Arduíno Bolivar, compreendendo os anos de 1844 a 2001, dividido nas seguintes séries: correspondências, fotografia, diversos, periódicos, recortes de jornal, tradução, documentos pessoais e bibliografia. O acervo Arduíno Bolivar na PUC Minas é resultado de projeto de pesquisa organizado e desenvolvido pelos professores Johnny José Mafra, Simone Von Rondon e equipe de estagiários⁵.

A avaliação material dos livros da Coleção – por meio da identificação das marcas de circulação (livrarias, sebos, encadernadores, bibliotecas, livreiros); marcas de uso (notação, nota marginal), marcas de posse (assinaturas, dedicatórias) e dos códices factícios – possibilitou a identificação de fases de vida da biblioteca de Bolivar⁶. As três primeiras fases da Coleção são descritas a seguir:

- Fase 01 (188?- 1942) – compreende todos os livros que receberam assinatura e notação por Bolivar, desde os primeiros livros adquiridos até os últimos livros datados de 1942.

- Fase 02 (1942? – 1962) – período em que a frequência de assinaturas e notação é cada vez menor. Incluem-se aqui os livros doados para Bolivar até a data de sua morte em 1952. Pela impossibilidade de precisar se novos títulos foram adicionados, pela família, à biblioteca essa fase foi delimitada até o ano de 1962.

⁴ Atualmente biblioteca particular de Arduíno Bolivar está localizada na Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca Universitária da UFMG.

⁵ Informações fornecidas pelo Centro de Memória da PUC Minas e por Johnny José Mafra.

⁶ O detalhamento do inventário da Coleção Arduíno Bolivar e os ciclos de sua biblioteca podem ser lidos em *A Biblioteca do Mestre: Coleção Arduíno Bolivar* (Araújo, 2013).

- Fase 03 (1962-1964) – nesses anos as negociações para doação e transferência da Biblioteca para a UFMG.

Essas três fases que compreendem desde os primeiros movimentos de formação da biblioteca até a inserção de novos livros para a Coleção nos primeiros dois anos da década de 1960. As próximas fases, 4 e 5, correspondem aos anos de 'vida' da Coleção após sua doação para a UFMG.

Desde 2011 a Pró-Reitoria de Extensão da UFMG fomenta o projeto “Livros Raros e Especiais” que tem como escopo desenvolver ações de ensino, extensão e pesquisa relacionadas aos estudos das coleções especiais da Biblioteca Universitária. O projeto envolve docentes, técnicos-administrativos, discentes e comunidade externa da Universidade, no qual os envolvidos tem a oportunidade de aprender e contribuir para a preservação do acervo bibliográfico da UFMG. Por meio desse projeto são realizadas atividades de divulgação dos acervos (exposições, visitas orientadas, eventos temáticos); pesquisa sobre a formação das coleções especiais da BU; preservação do acervo, por meio de práticas de conservação preventiva; catalogação e digitalização documentos. Dentre as ações foi possível realizar o inventário das marcas de circulação da Coleção Arduíno Bolívar, com a colaboração da bolsista Débora Brasil⁷. O inventário consistiu no levantamento das marcas de circulação em livros da Coleção Arduíno Bolívar que correspondem às fases 1, 2 e 3⁸ - dentre esses períodos foram identificadas 206 marcas (etiquetas adesivas ou carimbos).

⁷ Aluna do curso de Museologia da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

⁸ Conforme comprovaram as fases da biblioteca, nos períodos 4 e 5 novos livros foram adicionados à Coleção e, por esse motivo, não foram objeto de análise quanto ao inventário de marcas de circulação.

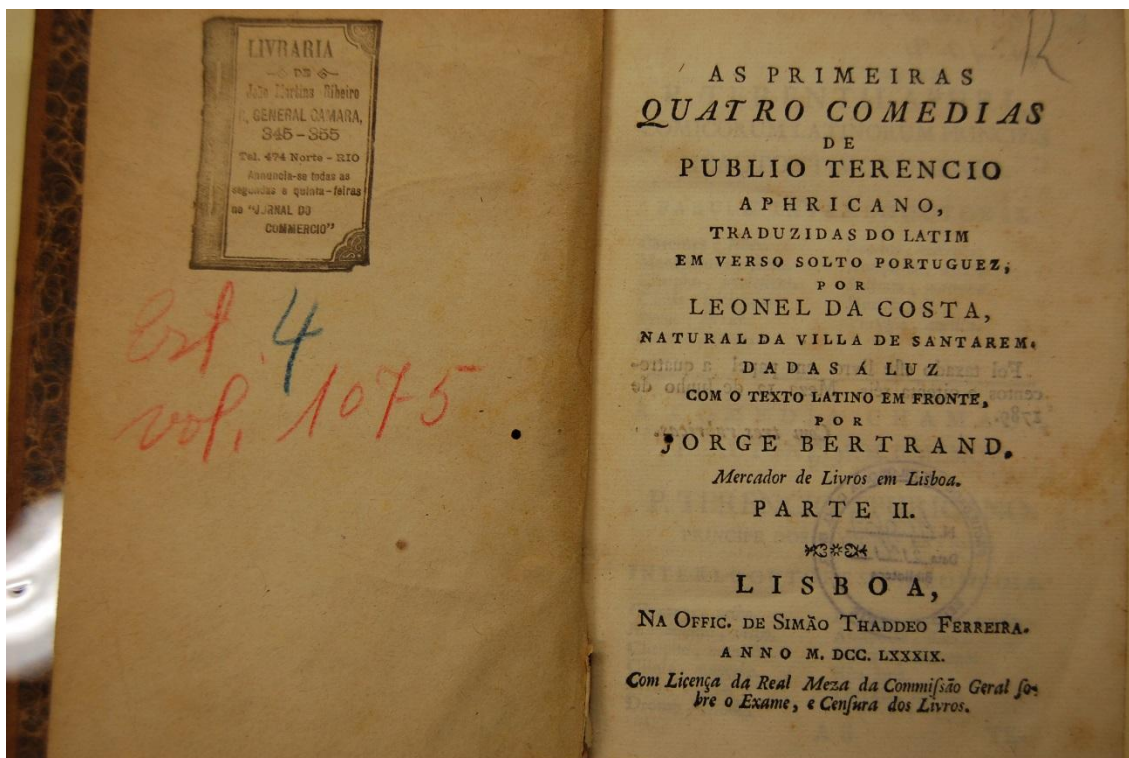


Figura 2: Notação e carimbo no verso da folha de guarda. Folha de rosto da parte II do livro *As primeiras quadro comedias de Publio Terencio aphricano*, traduzidas do latim em verso solto portuguez, de Leonel Costa, em 1789.
Fonte: Foto de Diná Araújo/Divisão de Coleções Especiais da BU-UFMG, 2010.

Foi elaborada uma planilha (Quadro 1) para a identificação das marcas por livro, essas foram digitalizadas e um campo específico para informações individuais sobre cada exemplar, como por exemplo reencadernações, estado de conservação, indicação de número de patrimônio do exemplar e se o mesmo está disponível no catálogo *online* do Sistema de Bibliotecas da UFMG. A seguir, apresentamos os primeiros seis livros do inventário – ordenado por número do exemplar dentro do inventário; notação (localização do livro na biblioteca de Bolivar); referência bibliográfica do livro; e nota local (informações individualizadas sobre o exemplar).

Nº	Notação	Descrição etiqueta	Referência Bibliográfica	Nota local
01	Est. 1 Vol. 1	Officinas de Encadernação do Lycey de Cataguazes [... ilegível]	SOARES, Raul. O poeta crisfal . Campinas: Typ. a vapor "Livro Azul", 1909.	Reencadernação. Encadernado com mais 3 livros.
02	Est.1 Vol.11	Livraria e Papelaria Oficinas Graphics Oliveira e Costa Importadores Bello	JUNQUEIRO, Guerra. Os simples. 2. ed. Lisboa: Empreza Litteraria, [18--?]	Rompimento da primeira pasta da encadernação.

		Horizonte		Corpo do livro com cadernos soltos.
03	Est.1 Vol.18	Rio de Janeiro. Asa BEVILACQVA Rua do Ouvidor.145	VERDI, Giuseppe. Um ballo in maschera. Milano: Editori-Stampatori [s. d.].	Encadernado com mais 5 livros
04	Est.1 Vol.32	LIVRARIA MORAIS Antonio Pinto de Moraes Completo e variado s(.)timento Livros nacionaes e estrangeiros. Material escolar PAPELARIA E TYPOGRAPHIA Aff. Penna, 776-B. Horizonte	TAUNAY, Visconde de. Ouro sobre azul. São Paulo: Editora Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 1921.	Danos causados por insetos.
05	Est.1 Vol.38	Centro Loterico e Litterario CARRUSO & ZAPPA Barra do Pirahy B. DO RIO	BRANCO, Camilo Castelo. Mosaico e Silva: Curiosidades Históricas, literárias e Bibliográficas. Porto: Livraria Chardron, de Léo & irmão Editores, [s.d.].	
06	Est.1 Vol.39	Officina de Encadernação DA IMPRENSA OFFICIAL Minas Geraes BELLO HORIZONTE	CAMPOS, Claudia de. A Baroneza de Stael e o Duque de Palmella. Lisboa, Livraria e editora Tavares Cardoso e Irmão, 1901	Reencadernação.

Quadro 1: Inventário de marcas de circulação da Coleção Arduíno Bolívar

Fonte: Da autora.

As marcas de circulação elencadas no inventário da Coleção Arduíno Bolívar - devido à diversidade de marcas de encadernadores, livreiros, livrarias nacionais e de outros países - podem colaborar para os estudos da circulação de livros em Belo Horizonte.

Destacando o valor dos estudos sobre as etiquetas de circulação de livros, Ubiratan Machado, em ***A etiqueta de livros no Brasil***, aponta que elas “mantêm viva a lembrança de livrarias desaparecidas, retratam aspectos curiosos do processo de comercialização do livro, desvendam práticas comerciais, hábitos sociais” (MACHADO, 2003, p. 13). As marcas de circulação da Coleção constituem um ponto de referência, certo e incerto, para determinar os

percursos do livro em Belo Horizonte, em especial, a procedência dos livros da biblioteca de Bolívar⁹. Destacamos a presença do comércio de livros e encadernações na cidade de Cataguases, em Minas Gerais; as livrarias no centro de Belo Horizonte, hoje extintas; e a presença marcante da Imprensa Oficial de Minas Gerais nas encadernações de aproximadamente 70% da biblioteca de Bolívar.

Considerações finais

As biografias de Bolívar até a década de 1960 descrevem um personagem especial, quase sagrado. A angústia em não acreditar totalmente nos louvores descritos em suas biografias incentivou (somado ao desejo ainda não saciado de desvendar sua biblioteca) a leitura de cartas e documentos como possibilidade de reflexão diante dos elogios atribuídos ao biografado. Após as leituras dos documentos e dos registros de escrita sem seus livros podemos perceber a pouca receptividade de Bolívar com livros de novos escritores, por vezes seus comentários demonstram sua impaciência com a falta de conhecimento dos aspirantes ao universo literário. Todavia, os documentos e livros de Bolívar demonstram muito mais que suas intolerâncias, eles revelam suas relações sociais, culturais e políticas da recém capital Mineira e esses indícios são fontes especiais para a construção da história dos livros e das bibliotecas em Belo Horizonte.

O estudo de procedência dos livros da Coleção de Bolívar apreende que uma biblioteca particular, livre dos complexos processos de formação de bibliotecas institucionais – no Brasil, quase sempre cumulativas – tem em sua essência a possibilidade de ser compreendida em seu conjunto, em seus testemunhos de recepção e interesse do colecionador por seus livros, aproximando-se de forma singular da própria biografia do colecionador.

⁹ Não obstante, não há como precisar a origem de todos os livros da Coleção.

A rotina privada de Bolívar na leitura de seus livros, na repetição de padrões de organização, nas formas de dispor suas notas nas margens e outras práticas são vestígios que apontam também para a construção de uma biografia de Bolívar por meio de seus livros.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de Andrade. *Boitempo & A falta que ama*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. 189 p.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira. A Biblioteca do Mestre: Coleção Arduíno Bolívar. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 14, n. 20, p. 81-97, abr. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/5197/5197>>. Acesso em: 17 Jun. 2013.

CASASANTA, Mário. Imagens de Arduíno Bolívar. *Kriterion*: revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 21/22, p. 283-301, jul./dez. 1952.

CARVALHO, Maria da Conceição. *Arduíno Bolívar*: bibliografia. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, 1969.

CASTRO, Fabíola Fabiana Braga de. *Arduíno Bolívar*: a trajetória de um intelectual tradicional na cidade de Belo Horizonte. 2007, 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In:_____. *Mitos, emblemas, sinais*: morfologia e história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 143-179.

MACHADO, Ubiratan. *A etiqueta de livros no Brasil*: subsídios para uma história das livrarias brasileiras. São Paulo: EDUSP, 2003. 459 p.

MAFRA, Johnny José Mafra; RONDON, Simone Von. **Arduíno Bolívar**: acervo. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2003. 1 CD-ROM. Projeto (Resgate da identidade histórico cultural de Minas Gerais: recuperação, preservação e disponibilização em meio digital do acervo original, editado e inédito do professor Arduíno Bolívar).

VASCONCELLOS, Salomão de. **Elogio de Arduino Bolívar**. Belo Horizonte: Academia Mineira de Letras, 1953. 50 p.